



UMA DISCUSSÃO ACERCA DA QUESTÃO DE GÊNERO E O SERVIÇO SOCIAL

Franciele Santana de Sousa¹
Maria Aparecida Garcia Moura²

RESUMO: A questão de gênero é uma categoria de caráter transversal na sociedade, sendo que o mesmo não se restringe às questões relativas à mulher, mas diz respeito às construções históricas e culturais sobre o que se determina socialmente como homem e mulher, desencadeando relações de poder, desigualdade e opressão. Ressalta-se que a demanda de gênero é uma expressão da questão social, se apresentando como demanda para o serviço social, este que tem o seu desenvolvimento marcado pelas relações de gênero, embora a realização de estudos relativos a essa categoria ocorra tardiamente, em meados da década de 1990.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Feminismo e Serviço Social.

ABSTRACT: The gender issue is a category of crosscutting in society, so that it is not restricted to issues concerning women, but concerns the historical and cultural constructions of what is socially determined as man and woman, triggering power relations, inequality and oppression. It is noteworthy that demand gender is an expression of social issues, presenting itself as demand for social services, this has its development marked by gender, although the studies relating to that category occurs later, in mid of the 1990s.

KEYWORDS: Gender, Feminism and Social Work.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Sergipe (UFS).E-mail: franciele.sso@gmail.com.

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Sergipe (UFS).Email: ma.aparecida3@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO

O serviço social é uma profissão que surge no capitalismo monopolista, quando o Estado busca intervir na questão social, proveniente da contraditória relação entre capital e trabalho, da qual emergem relações de dominação e exploração da força de trabalho. Logo, os profissionais de serviço social são requisitados pelo Estado e pelos capitalistas para atender as necessidades de reprodução do capitalismo, bem como para manutenção de sua organização.

Assim, o serviço social participa do processo de reprodução das relações sociais provenientes desse contexto, atuando nas diversas manifestações da questão social que refletem na realidade social, com um conjunto de problemáticas que impedem o exercício pleno da cidadania pelos indivíduos.

Nessa conjuntura em que atuam os assistentes sociais, se insere demandas relativas a gênero, que não se refere à palavra sexo, como se pode equivocadamente pensar, mas trata-se de construções históricas e culturais a respeito da ideia de homem e mulher, temática emaranhada de preconceitos, que constituem aspectos de dominação e submissão de uns sobre outros.

Diante disso, percebe-se que as relações de gênero estão presentes nos diversos âmbitos sociais, configurando-se como demanda para a profissão. Nessa perspectiva, são indispensáveis estudos e debates sobre gênero no processo de formação do serviço social, como forma de compreender as suas relações de dominação, desigualdade e exploração e seus rebatimentos na realidade social, econômica e política, proporcionando ao discente a aproximação com a temática, de maneira a destacar a sua importância e evidência, que possui nas demandas postas a profissão.

2. BREVE DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E FEMINISMO

O conhecimento a respeito do conceito de gênero se faz importante e



necessário, uma vez que tem sido um instrumento de reflexão para compreensão da realidade marcada pela desigualdade e opressão entre gêneros, na qual se cultiva a superioridade do masculino sobre o feminino, desencadeando a violência, o preconceito e dificuldades na vida cotidiana, especialmente das mulheres.

Estudos sobre gênero têm contribuído, embora ainda sejam poucos, para esclarecer o seu significado, suas dimensões e quais os seus reflexos na realidade social. Portanto, esses debates são indispensáveis para elaboração de políticas sociais públicas, devendo ser considerado como elemento para análise crítica, uma vez que grande maioria do seu público é constituída por mulheres, buscando reduzir as desigualdades entre homens e mulheres. É preciso ter clareza, segundo Machado (1999), que gênero difere do termo sexo, pois o mesmo foi criado para enfatizar que homem e mulher são categorias sociais construídas historicamente e não se restringem a características biológicas, mas possuem “implicações psicológicas e culturais”. Portanto, são estabelecidos comportamentos para serem exercidos pelos indivíduos a partir das vivências e relações sociais.

Nessa perspectiva, gênero se refere aos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade. Consequentemente, falar em gênero não é o mesmo que se referir à mulher, mas discutir as relações sociais entre homens e mulheres, ponderando as relações de dominação e exploração entre gêneros determinadas socialmente. Nessas relações, há uma histórica submissão feminina nas esferas social, política e econômica, conjuntura que emerge da diferenciação biológica entre fêmeas e machos. “O conceito de gênero emergiu para denunciar a tradicional classificação e distinção baseada no sexo, caracterizando assim, de forma mais abrangente a atividade desenvolvida por mulheres e homens”. (BORGES, 2009, p. 19).

A partir dos aspectos naturais dos sujeitos, socialmente foi-se definido as funções que cabiam ao homem, que seriam a de chefia e poder, enquanto que a mulher encontra-se em uma posição inferior, na qual é tida como frágil e de menor grau de inteligência, por isso encarregada das atividades domésticas e dos cuidados com os filhos, vontades reprimidas, entre outros, sendo que conforme a cultura, a submissão feminina é mais exacerbada que em outras.



Desse modo, o destino das pessoas estaria sendo determinado com base no sexo a que pertencem, podendo ter um futuro promissor no caso do sexo masculino ou a incumbência de cuidar do lar e dos filhos, ser um ser sensível e que deve obediência ao marido, atividades destinadas ao sexo feminino, perfis que são reproduzidos socialmente. Assim, Bourdieu (1999, p. 33) denomina o universo masculino, de caráter dominador, como “sociodicéia masculina”, que possui duas operações: *“ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada”*. (grifos do autor).

Consequentemente, nessas circunstâncias o sujeito não se apresenta como detentor do direito de fazer suas próprias escolhas, mas o seu sexo é quem determina o seu caminho e àqueles que buscam outro caminho, apesar de todos os desafios, seria alvo de exclusão social. Assim, de acordo com Borges (2009, p. 17),

A distinção das pessoas, tendo em conta serem do sexo feminino ou masculino demonstrou-se como fator de influência nas questões da divisão do trabalho e, por consequência, na influência que as mesmas têm no estatuto social. Nascer de um sexo ou de outro, poderia predestinar as pessoas à concretização de um conjunto bem definido de atividades, influenciadas/criadas pela sociedade, incorporando deste modo, formas de estar e pensar a nossa vivência na sociedade. [...].

Como se pode perceber, entraves foram sendo constituídos que impediram a ascensão social da mulher, nos quais a desigualdade provocou o tardamento da conquista de seus direitos, indispensáveis para sobreviverem com dignidade e exercerem a cidadania. Apenas com as iniciativas e organização do movimento feminista, em determinados momentos históricos, conquistou-se a inserção da mulher na política e na economia, bem como no mercado de trabalho.

É notória a importância do movimento feminista, para alcance desses avanços, no qual mulheres decidem se unir para lutar por igualdade entre homens e mulheres, se organizam para exigir que sejam extintas práticas de violência e discriminação contra a mulher, bem como para mudanças sociais na conjuntura em que a sociedade determina a vida das pessoas. Dessa forma, conforme Lisboa (2010, p. 69),



[...] o feminismo tem como pressuposto ético-político denunciar um conjunto de suposições que a sociedade definiu como “natural” (por exemplo, a heterossexualidade, a maternidade) engendram práticas opressivas e discriminatórias, causando sofrimento para as pessoas que fogem do padrão de “normalidade” estabelecido. Os estudos feministas propõem, ainda, desconstruir os papéis impostos a homens e mulheres pela sociedade, com base na tese de que a diferença sexual é o principal fundamento da subordinação feminina.

Dessa forma, o movimento feminista impulsionou reflexões sobre o lugar que as pessoas ocupam na sociedade, ao buscar entender e questionar o porquê da desvantagem da mulher com relação ao homem e batalhar para que houvesse mudanças justas nesse contexto hierarquizado, egoísta e desigual.

O movimento feminista teve forte influência para o entendimento de que falar/pensar o homem e a mulher, estão para além de suas características natas, mas envolvem elementos socioculturais, que padronizam o comportamento dos indivíduos, apontando o que vestir, como falar, a profissão que deve ser seguida, entre outros, que representam a hierarquia entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, Guiraldelli e Engler (2008) afirmam que as mulheres são educadas para atuar no espaço privado, exercendo função meramente doméstica, enquanto que os homens são educados para o espaço público, se inserindo em profissões consideradas com alto grau de dificuldade como nas áreas exatas e biológicas, logo, são criados estereótipos que são transmitidos de geração em geração.

Considerando a predominância, a princípio, de intelectuais do sexo masculino no campo das ciências, Borges (2009) destaca a influência de seus pensamentos na divisão sexual do trabalho, estes que não estariam livres dos condicionamentos e classificações do pensamento masculino. Então, se pode pressupor que as questões relativas à realidade da mulher não era destacada, nem tampouco considerada relevante para o desenvolvimento de discussões no âmbito acadêmico.

Nessa conjuntura, o movimento feminista contribuiu para que a sociedade se atentasse, ainda que de maneira tímida, para a questão de gênero, que a disparidade social



entre homens e mulheres não se referem apenas a ausência de igualdade de oportunidades, mas desencadeia uma conjuntura maculada pela violência, preconceito, discriminação, desrespeito, fatores que interferem na vida dos indivíduos de maneira negativa, ocasionando um conjunto de problemáticas que ferem a dignidade humana.

Bourdieu (1999) aponta que uma das grandes mudanças sociais no que diz respeito à questão de gênero, refere-se ao fato de que a dominação masculina não é mais tida como algo indiscutível, no qual o “trabalho crítico” do movimento feminista possui ênfase, uma vez que através deste, em determinados âmbitos, se passou a questionar as evidências, “conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar [...]”. (Idem, p. 106).

O autor ainda acrescenta que entre outras mudanças sociais importantes para se avançar na condição das mulheres, está relacionado ao âmbito escolar, no qual a instituição escolar é uma ferramenta de reprodução da distinção entre os gêneros, mas que com o decorrer do tempo as mulheres passaram a ter acesso à educação (sobretudo o ensino superior), conseqüentemente tendo instrução e possibilidades de independência econômica e alterações na estrutura familiar e produtiva.

Destarte, esses fatores subsidiaram a organização social feminina, por meio da qual se passou a refletir sobre as relações sociais entre homens e mulheres, por sua vez resultando na utilização do termo gênero para diferenciar as características naturais do sujeito das que são constituídas histórica, social e culturalmente. De acordo com Mirales (2010, p. 2-3),

Gênero, em seu conteúdo explicativo, tornou-se fundamental teoricamente e estratégico politicamente para fazer alavancar à consciência social sobre as formas de desigualdades entre as pessoas de sexos diferentes. Denunciou que o sexismo além de ser uma ideologia, também é uma forma de exercício do poder. [...].

Deste modo, compreende-se a importância de ampliar e aprofundar o debate sobre gênero e a influencia de suas determinações sociais na vida das pessoas, para que os profissionais que atuam nas demandas provenientes dessa conjuntura, estejam aptos para desenvolver ações que colaborem para igualdade de gênero e para supressão, sobretudo,



de atos relativos à violência, ao preconceito e a discriminação.

Ressalta-se, que esses estudos não devem ser desenvolvidos desconexos da totalidade social, pois, a questão de gênero se apresenta como uma das manifestações da questão social, que está vinculada a uma realidade social dotada de um conjunto de problemáticas proveniente da exploração do trabalho pelo sistema capitalista, que prioriza a acumulação de riquezas e incentiva o individualismo, desencadeando disparidade social entre os indivíduos. Portanto, “[...] cabe o cuidado para não cair nos particularismos e na fragmentação [...]”. (MOREIRA, et. al., 2006, p. 8).

3. GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL

O serviço social é uma profissão que atua nas manifestações da questão social, estando entre estas, as relações de gênero, presentes nos distintos âmbitos sociais. Dessa forma, gênero se configura como demanda para o serviço social, especialmente nas políticas sociais públicas, nas quais a maioria do seu público é formada por mulheres e por pessoas que são marcadas por não seguirem os padrões dos modos de ser e se comportar, estabelecidos pela sociedade.

Outro aspecto a ser destacado, refere-se ao fato de que o serviço social é uma profissão constituída de maneira predominante por mulheres, desde sua gênese aos dias atuais. Por conseguinte, são mulheres que atuam para uma população, na qual é expressivo o número de mulheres, logo, se deparando com conjunturas atravessadas pelas relações de gênero, ressaltando que ao abordar a mulher, se explana também sobre o homem, uma vez que não é possível discuti-los separadamente, bem como não se pode desconectar a categoria gênero da dimensão da totalidade.

Borges (2009) aponta que o serviço social por ser composto majoritariamente pelo sexo feminino, se pode afirmar que a sua história é marcada pela história da emancipação feminina, sendo presentes no seu desenvolvimento movimentos feministas,



episódio de grande importância em uma sociedade patriarcal. A autora ainda destaca o caráter emancipador e reivindicatório do serviço social pelos direitos da população, especialmente das mulheres.

Nessa perspectiva, percebe-se a vinculação existente entre serviço social e gênero, não somente no sentido de profissão e demanda social, mas também com relação à contribuição mútua entre os movimentos profissional e feminista - considerando que foi através deste último, principalmente, que se atingiu o entendimento sobre gênero, enquanto construção histórica e cultural – para o desenvolvimento de ambos e para conquista de direitos.

Mirales (2010) comenta que a característica do serviço social quanto a ser formado, em sua maioria, por mulheres que compõem as classes trabalhadoras, demonstra a divisão sexual do trabalho. No entanto, tal caráter não significa que houve uma facilidade para o desenvolvimento de debates teóricos provenientes dessa temática, podendo afirmar que a incorporação da discussão sobre gênero foi semelhante à de outras áreas do conhecimento. Esse processo de incorporação é fruto das estratégias feministas que foram capazes de impulsionar reflexões sobre gênero nos diversos espaços, articulando-se a outros temas relevantes como classe social, raça, etnia e orientação sexual.

Neste sentido, percebe-se que houve um tardamento no que diz respeito a estudos no serviço social sobre gênero, embora o mesmo tenha a sua trajetória histórica, atravessada pelas relações de gênero. Quanto a esse acontecimento na profissão, Lisboa (2010, p. 71) explica que,

Em 1990, surge na academia a categoria gênero consolidando os “estudos de gênero” em substituição a “estudos feministas” ou “da condição feminina”.
Aproximando-se dos movimentos feministas, a partir de 1990, o Serviço Social passa a aderir às lutas das chamadas minorias, inserindo-se nas questões relacionadas à violência contra mulheres, discriminação étnica, racial e cultural, homofobia e outras.

Considerando esse episódio no serviço social, compreende-se que houve um avanço no serviço social, no que se refere aos estudos referentes às questões de gênero,



mas identificando-se uma ampliação do debate, uma vez que se atenta para temas que são articulados a categoria de gênero e são marcados pelos efeitos da discriminação e desigualdade social, que interferem de maneira direta e negativa na vida das pessoas.

Portanto, a categoria gênero é um instrumento fundamental para análise social e o serviço social deve se apropriar da mesma, como forma de contribuir para compreensão da dinâmica social e buscar estratégias que contribuam para minimização da desigualdade de gênero, bem como para eliminação de práticas de violência, preconceito e discriminação. Deste modo, tal reflexão tem sua importância também por auxiliar no enfrentamento da desigualdade social, presente de maneira acentuada no sistema capitalista, o qual intensifica o patriarcado e a dominação de uns sobre os outros.

4. CONCLUSÃO

Considerando a discussão realizada, compreende-se que a categoria gênero não pode passar por despercebida, devido seu caráter de transversalidade, sendo assim de suma importância para apreensão da realidade social, uma vez que se configura como uma das manifestações da questão social, dotado de relações de poder e desigualdade.

Nessa perspectiva, gênero é uma categoria que deve ser apropriada pelo serviço social, este que possui uma relação intrínseca com a mesma, embora isto não signifique que o serviço social tenha na sua trajetória, desenvolvido reflexões sobre essa temática, pois essa discussão se insere na profissão apenas a partir de meados da década de 1990.

Portanto, faz-se necessária a ampliação desse debate como forma de perceber suas interferências nas demandas sociais, sobretudo, no processo de formação do serviço social. Assim, de maneira a preparar os discentes para atuar nessa conjuntura, aproximando-os dessa discussão para que no exercício profissional tenham subsídios para aprofundar os estudos sobre gênero e perceber suas relações de desigualdade, dominação e opressão, bem como buscar identificar possibilidades de atuação que enfrentem as



problemáticas provenientes desse contexto, sendo desprovidos de posicionamentos que reforcem essas relações, mas que pelo contrário busquem extingui-las.

5. REFERÊNCIAS

BORGES, Andreia Raquel Fernandes. **Gênero** – Uma Dimensão Oculta na Prática Profissional do/a Assistente Social? Disponível em <http://www.cpihts.com/PDF%2006/Andreia%20Borges.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GUIRALDELLI, Reginaldo; ENGLER, Helen Barbosa Raiz. As categorias gênero e raça/etnia como evidências da questão social: uma reflexão no âmbito do serviço social. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 17, n. 1, p. 248-267, 2008. Disponível em <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/viewFile/12/77>. Acesso em 13 de dezembro de 2012.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero, feminismo e serviço social – encontros e desencontros ao longo da história da profissão. **Revista Katálysis**. Florianópolis. V. 13, n. 1, p. 66-75, jan./jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/08.pdf>. Acesso em 09 de dezembro de 2012.

MACHADO, Leda Maria Vieira. **A incorporação do gênero nas políticas públicas: perspectivas e desafios**. São Paulo: Annablume, 1999.

MIRALES, Rosana. Desigualdades de gênero e formação do assistente social. **Revista Alamedas** – Revista eletrônica do NDP, v. 1, n 1, jan./jun. 2006. Disponível em http://www.unioeste.br/ndp/revista/docs/artigo_rosana.pdf. Acesso em 09 de dezembro de



2012.

_____. **Algumas reflexões sobre gênero e serviço social.** Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidade, Deslocamentos, agosto de 2010. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275850948_ARQUIVO_textoremetido.pdf. Acesso em 10 de dezembro de 2012.

MOREIRA, Maria Regina de Ávila. et. al. O lugar de gênero na formação da/o assistente social. **X Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, dezembro de 2006, Recife Brasil. Disponível em <http://www.cpihts.com/PDF05/O%20lugar%20de%20g%C3%AAnero%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20AS.pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2012.